


Nº 08  
ANO 01  
Janeiro  
2000



# Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



# TEATRO DE BONECOS

## No Rio Grande do Norte resiste o mais antigo teatro do mundo

Franco M. Jasiello

O Teatro é, por excelência, a manifestação artística em que os aspectos mágicos se revelam abertamente com a intensidade dos rituais que lhe deram origem. Não é por acaso que a palavra "drama" deriva do verbo grego "drao" que indica ação, algo que se movimenta possuindo sua própria energia e a palavra "tragédia" do vocábulo "tragoedia", canto que era entoado, na antiga Grécia, em honra do "Tragos",

nome do bode que era degolado, representando Dionísio, indicando que, no palco, acontece, sempre, uma cerimônia, com sua própria liturgia, exorcizando a condição humana na sua inelutabilidade de grandeza que transcende o indivíduo visto como "ser natural" e o mostra como "ser histórico", pertencente ao segmento de tempo que



Boneco de Francisco Teixeira Sobrinho - Passa e Fica/RN

estabelece sua própria dimensão épica, lírica, lúdica e crítica, portanto política.

De todas as formas de representação teatral há uma que, acima de qualquer outra, mantém estreita ligação com os rituais mágicos originais: o Teatro de Bonecos que, na Região Nordeste do Brasil, toma o nome de "MAMULENGO", em geral, com variantes para "João Redondo", "Babau" e "Benedito", entre outras.

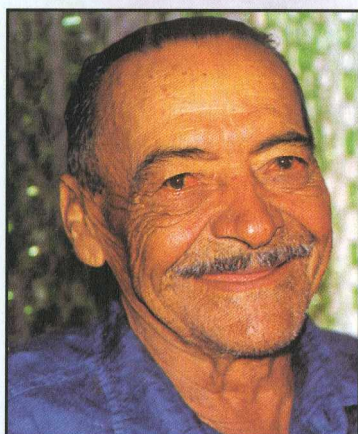
(Cont.)

Labim/UFRN



Francisco Teixeira Sobrinho - Passa e Fica/RN

O mamulengo é expressão artística destinada a desaparecer das praças e das feiras do Nordeste, dentro de algumas décadas. A tecnocracia, o consumismo, a ignorância, de um lado, a evolução dos meios de transporte e de comunicação, a abertura de novas perspectivas econômicas, de outro, decretaram o fim próximo do mamulengo, pelo menos, em sua expressão genuína, espontânea e criativa. O Rio Grande do Norte é um dos estados onde o mamulengo existe e resiste, ainda, às investidas da indiferença plastificada que os programas televisivos, transmitem quotidianamente fazendo da alienação mensagem intencional destinada a imbecilizar, pelo mesmo padrão, a população do país. Evidentemente,



Antônio Rato - Passa e Fica/RN

também no Rio Grande do Norte, o mamulengo tornar-se-á apenas lembrança dos mais velhos e será incorporado ao fabulário popular como o "Haja Pau", as estórias do cangaço, a invasão holandesa e a "Intentona Comunista", de 1935, esta última possuindo uma versão própria e peculiar na tradição oral de qualquer cidadão que tenha vivido o acontecimento. Torna-se um fato de relevância histórica ressaltar que no Rio Grande do Norte, onde o mamulengo é mais conhecido pelo nome de **João Redondo**, identificando o espetáculo com o personagem de cabeça grande e redonda, do Capitão fazendeiro arrogante, inimigo natural de **Benedito**, **Gregório** ou **Baltazar**, que personificam a sagacidade do povo nordestino, ainda há mamulengueiros que praticam o **brinquedo** (assim é chamada a representação, com supersticioso respeito pelos artistas que dão vida aos bonecos atrás da **empanada**), da forma tradicional e genuína, enquanto, à parte exceções, em outros estados do Nordeste

sobrevive, apenas, na forma, válida e providencial, de extensão folclórica, de produção culta. Se pensarmos que, pelos achados, sabe-se que o homem do paleolítico fabricava reproduções de figuras humanas, em proporções reduzidas, feitas de osso, chifre, pedra e até de barro, antes da cerâmica ser usada como objeto de uso prático, fato que aconteceu milhares de anos depois, no período neolítico, que, provavelmente, a sombra das pequenas figuras era projetada contra a parede das cavernas à luz de fogueiras ou de tochas, que os antigos egípcios animavam estátuas para representar a morte e a ressurreição de Osiris, que

Homero se refere a marionetes de terracota, chamadas **neuro-spata**, que na Roma dos sete reis havia a representação das **Fabulae Atellanae** com os bonecos **Bucco**, **Dossenus** e **Maccus**, este último com a irreverência e a argúcia obscena do nosso **Benedito**, que onze séculos antes de Cristo, na Índia, havia o boneco **Vidouchaka**, o antepassado dos personagens populares e irreverentes, a ponto de não se expressar em sânscrito, mas em prâcrito, idioma dos párias, que na China e no Japão existem

Teatros de Bonecos originários de tempos pré-cristãos e que na Turquia do século XVI nasceram os personagens **Hacived** e **Karagós**, os mais ilustres representantes dos bonecos malandros, sensuais e brigadores, sem falarmos dos **autômatos** da Idade Média, das



**Maschere da Commedia dell'Arte**, do Teatro de Bonifrates, trazido pelos jesuítas para o Brasil no século XVI, enfim, se refletirmos sobre o extraordinário fato de, às portas do terceiro milênio, entre "bugs", globalização, neoliberalismo, 200.000 novos adeptos por dia engrossando as fileiras dos **internautas**, os bonecos de luva do mamulengo, no Rio Grande do Norte, sobreviverem com a mesma paixão e o mesmo

espírito que animou as primeiras sombras ao bruxulear das chamas pré-históricas, devemos considerar essa herança privilégio e missão preservadora. O mamulengo deve seu nome, provavelmente, ao fato de serem usados, no espetáculo, bonecos de luva, portanto movidos pela mão que se esconde debaixo da roupa do personagem (sempre um camisolão), com o dedo indicador enfiado em um furo praticado no pescoço, para movimentar a cabeça, e o polegar e o médio nas "mangas" do camisolão,

para movimentar os braços do boneco. É evidente que o titereteiro precisa ter grande agilidade nos dedos e no pulso, portanto deve ter a "mão molenga". Parece clara a corruptela para **mamulengo**, no entanto, há outra hipótese que faz derivar a palavra do nome da madeira usada para a confecção do boneco: **mulungu**. **Mulungu-movido-a-mão**. Nem sempre, porém, usa-se esse tipo de madeira. Às vezes, a uburana, madeira leve, também substitui o



Chico Daniel - Natal/RN

mulungu e, nesse caso, a origem do nome não se justificaria através da utilização do tipo de matéria-prima. Apesar de ser usado, no Rio Grande do Norte, mais o nome **João Redondo** que **mamulengo**, conforme já indicado neste texto, não consta que os calungueiros (nome popular dos titereteiros, no Rio Grande do Norte) conheçam a origem do nome, reportada por Altimar Pimentel em o **Mundo Mágico do João Redondo**, isto é a homenagem que uma escrava

negra, numa fazenda da Bahia, teria feito ao fazendeiro seu dono, dando, a um boneco feito por ela, o nome do patrão que permitiu a realização da **brincadeira**. Diga-se de passagem que o nome **João Redondo**, como a **brincadeira**, são desconhecidos na Bahia, pelo menos, em nossos dias. Atualmente, os grandes mamulengueiros do Rio Grande do Norte que se apresentam atrás da "torda" (tolda), palavra que indica a empanada, em geral, não se utilizam mais da **orquestra**, formada, quase sempre, de sanfona, triângulo e zabumba.



Bonecos de Francisco Teixeira Sobrinho confeccionados por Antônio Rato - Passa e Fica/RN

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova,  
Natal-RN. Fone: (84) 211-8241/Fax: 211-8790.  
E-mail: mensagens@candinhaBezerra.com  
Internet: www.candinhaBezerra.com

Direção de Pesquisa  
Dácio Galvão

Programação visual  
D & S Publicidade

Colaborador  
Franco Maria Jasiello  
Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte,  
Professor Universitário

Fotos  
Candinha Bezerra

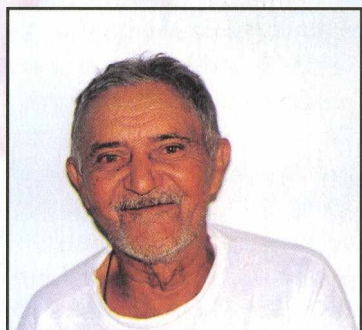
Apoios  
Tribuna do Norte  
TV Cabugi

Você encontra a capa dura para  
coleccionar o seu **Galante**, nas principiaes  
bancas da cidade, Scriptorin Candinha  
Bezerra e Fundação Hélio Galvão.

Utilizam fundos musicais provenientes de fitas "cassete". Os familiares (filhos, sobrinhos), que acompanhavam os calungueiros para animar o "baile" dos bonecos, já não se dispõem a brincar (respeitando o sentido dramático com que este verbo é usado pelo povo) como os mais velhos. O argumento da brincadeira não segue uma lógica. Começa, normalmente, com um baile na "fazenda do Capitão João Redondo", passa para uma briga com soldados da



João Viana da Silva  
São José de Campestre/RN



José Benardino  
Monte das Gameleiras/RN



Miguel Relampo  
Monte Alegre/RN



Gapó  
Pedra Branca/RN

polícia numa delegacia, volta para o baile onde aparece um padre, depois há uma briga com o diabo ou a cobra e, enfim, pode haver uma luta épica com um boi, em um descampado. As brigas são, sempre, motivo de expressão hilariante e obscenas, como, tradicionalmente, é o teatro desde as primeiras farsas gregas. Na luta com o boi, além da atmosfera épica, a ação desenrola-se através de gestos e linguajar líricos. O boi não é inimigo: é o animal totêmico do Nordeste. Miragem, alimento, bandeira, religiosidade, coragem. Os bonecos são tratados como criaturas vivas. Perguntei ao calungueiro Zé Relampo por que não aproveitava o vestido das bonecas para colocar, comodamente, a mão embaixo da saia, em vez de segurá-las pelos pés. Respondeu-me: "As cavalheiras

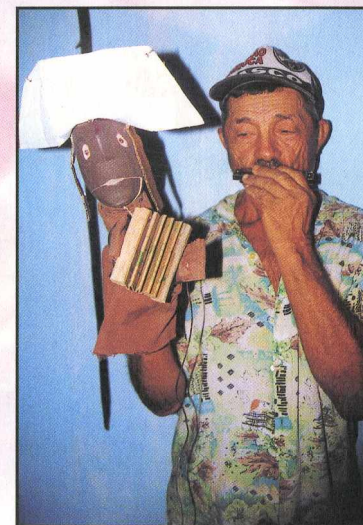


Bonecos de João Viana da Silva

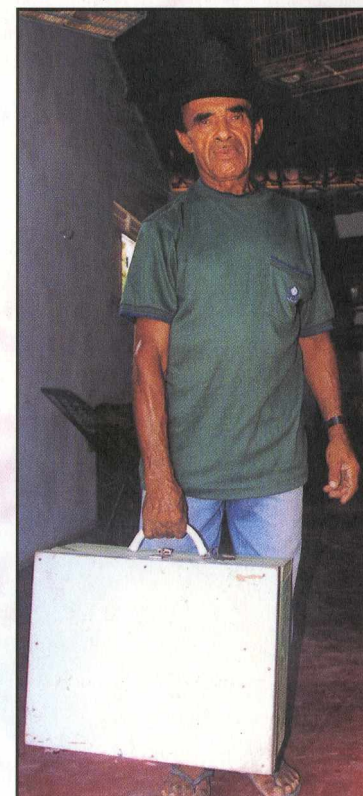
(dama é palavra que indica mulher da vida) podem não gostar". Os maiores mamulengueiros do Rio Grande do Norte, atualmente, são Francisco Ângelo da Costa - CHICO DANIEL, de Natal, dono de possibilidades vocais extraordinárias e de uma comicidade instintiva que o levam a produzir um espetáculo fora dos padrões clássicos sertanejos quanto ao argumento, mas mantendo a verve e a irreverência que fazem do João Redondo catarse do oprimido; José Soares de Assis - ZÉ RELAMPO, de Senador Elói de Souza, o mais completo e tradicional mamulengueiro da atualidade; Miguel Soares de Assis - MIGUEL RELAMPO, de Presidente Juscelino e Antônio Soares de Assis - ANTÔNIO RELAMPO, de Natal, irmãos de Zé Relampo.

Recentemente, por infelicidade de quem ama a maravilhosa arte do mamulengo, Zé Relampo e Antônio Relampo foram, definitivamente, afastados do sortilégio da "empanada" pela saúde precária e pelas grandes dificuldades de sobrevivência. Que não se perca a memória do talento nordestino destes irmãos. MANUEL LUÍS DOS SANTOS, de Boa Saúde; Luís Soares - LUIS IOIÓ, de Nova Cruz; ANTÔNIO VIEIRA DA SILVA, de Parnamirim; Joaquim Manuel da Silva - JOAQUIM LINO, de Várzea; Francisco Ferreira Sobrinho - FRANCISQUINHO, de Passa e Fica; Luiz Martins da Silva - LUIS DE MACACO, de Serra de São Bento; DOMINGOS BENJAMIM DA COSTA, de Santo Antônio do Salto da Onça; João Viana da Silva - JOÃO VIANA, de Serra de São Bento; JOSÉ TARGINO FILHO, de São

José de Mipibu; JOSÉ BERNARDINO, de Monte das Gameleiras; Antônio Davi de Queiroz ANTÔNIO RATO, de Passa e Fica. As localidades indicadas referem-se às residências dos mamulengueiros e não a seus municípios de origem. É preciso olhar e ver o JOÃO REDONDO, esse imemorial espetáculo de teatro, para reencontrar a verdadeira voz nordestina, a universalidade de sua arte na humilde geometria de uma empanada de chita.



João Targino Filho  
Lagoa Salgada/RN



Antônio Vieira da Silva  
São Gonçalo/RN

